

CAPÍTULO I

I

A nossa história começa na mente de Luther L. (L. é a abreviatura de LeRoy) Fliegler. Luther está deitado, sem pensar em nada, atento apenas aos ruídos à sua volta, consciente de que respira e sentindo as pulsações do coração. Deitada junto dele está a sua mulher, voltada sobre o lado direito e fruindo o prazer do sono. Merece-o, porque, rigorosamente falando, é manhã de Natal e na véspera trabalhou todo o dia com um cão: preparou o peru, cozinhou e só há algumas horas acabou de enfeitar a árvore. A inquietação e o pânico que lhe causam ouvir tão distintamente as pulsações do coração levam a que Luther Fliegler comece a desejar um pouco a mulher; mas Irma sabe dizer *não* quando está cansada. «É uma coisa incômoda», diz, «quando se está cansada», e não quer arriscar-se. Três filhos chegam bem; três filhos em dez anos. Por isso, Luther Fliegler não se aproximou mais dela. É manhã de Natal, e far-lhe-á o favor de a deixar saborear o sono — um favor que ela nunca saberá que lhe fez. E é, realmente, um favor, porque Irma gosta também do Natal, e, nesta manhã, podia ser que ela não se importasse, podia ser que valesse a pena arriscar-se. Luther Fliegler sufocou mais vivamente a pequena tentação e expulsou-a; depois voltou-se e pôs as mãos em torno da cintura da mulher e acariciou o pedaço de carne, flexível como borracha, ao longo do seu diafragma. Irma começou a mexer-se e, depois, abriu os olhos e disse:

— Meu Deus, Lute, que estás a fazer?

— Feliz Natal — disse ele.

— Não faças isso, por favor — pediu ela, mas sorriu, contente, e pôs os braços em redor das largas costas do marido. — Meu Deus, és doido... Oh, mas eu amo-te.

E, por um momento, Gibbsville não conheceu pessoas mais felizes do que Luther Fliegler e a mulher, Irma. Luther adormeceu e Irma levantou-se, para regressar, instantes depois, ao quarto, detendo-se a olhar, para além da janela, antes de voltar para a cama.

A Rua Lantenengo achava-se mergulhada numa espécie de silêncio de algodão. A neve amontoava-se nas valetas e a rua encontrava-se aberta apenas à largura de dois carros. Estava demasiado escuro para que a rua parecesse de algodão e havia mesmo uma ilusão quanto ao silêncio. Irma pensou que podia gritar muito alto sem que a ouvissem, pois tudo parecia imerso em fofo silêncio, mas sabia também que, se quisesse — mais não queria —, podia manter uma conversa com a Sr.^a Bromberg, através da rua, sem que qualquer delas tivesse necessidade de levantar a voz. Irma censurou-se por ter os pensamentos que tinha sobre a Sr.^a Bromberg, na manhã de Natal, mas imediatamente se defendeu: os judeus não celebram o Natal a não ser para ganharem mais dinheiro com os cristãos; assim não há razão para que se trate os judeus de maneira diferente dos outros dias. Além disso, o facto de os Brombergs viverem na Rua Lantenengo lesava os valores dos bens de raiz. Toda a gente o dizia. Lute fora informado, por pessoa de confiança, de que os Brombergs tinham pago trinta mil dólares pela propriedade dos Prices, o que excedia em doze mil e quinhentos dólares o preço que Will Price pedira primeiro; mas se os Brombergs queriam viver na Rua Lantenengo, que pagassem para isso. Irma pensava se seria verdade estarem a irmã e o cunhado de Sylvia Bromberg em negociações sobre a propriedade contígua que pertencia aos McAdams. Não ficaria surpreendida. Muito em breve haveria, na vizinhança, uma autêntica colónia de judeus, e os filhos dos Flieglers e as outras crianças iriam adquirir o sotaque judaico.

Irma Fliegler odiava Sylvia Bromberg desde o Verão passado por Sylvia, antes de o filho nascer, ter gritado uma tarde inteira. Ela podia ter ido para o hospital católico, pois sabia muito bem que a criança ia nascer. Impressionava ouvir semelhantes gritos e, além disso, tinham de se inventar histórias para dizer às delicadas crianças porque gritava a Sr.^a Bromberg. Era desagradável.

Irma saiu da janela e voltou para a cama, rezando para que não ficasse grávida e odiando os Brombergs por se terem mudado para a vizinhança. Lute dormia tranquilamente e Irma ficou contente por sentir o calor do seu corpo vigoroso e o cheiro intenso que exalava. Estendeu a mão e passou os dedos pelo ombro do marido, onde havia

quatro cicatrizes semelhantes ao umbigo, cicatrizes produzidas por metralha. Lute pertencia à Rua Lantenengo, e ela, como sua mulher, pertencia também à Rua Lantenengo. E não só como sua mulher. A família vivia em Gibbsville há muito mais tempo do que a maior parte das pessoas que residiam na Rua Lantenengo. Era uma Doane, e o avô Doane, quando rapaz, fora tambor na guerra do México, sendo mais tarde, durante a guerra civil, condecorado com a Medalha de Honra do Congresso. O avô Doane fora, durante quase trinta anos, até à sua morte, membro do conselho escolar e o único homem desta parte do Estado que obtivera a Medalha de Honra do Congresso. Lute possuía a Cruz de Guerra Francesa, com palma, por algo que disse ter feito estando embriagado; alguns outros homens obtiveram, durante a guerra, a Medalha de Serviços Distintos, mas pertencera ao avô Doane a única Medalha de Honra do Congresso. Irma pensava ainda que tinha direito à medalha, pois fora a neta preferida do avô Doane, o que, aliás, toda a gente sabia. Mas o seu irmão Willard e a mulher acabaram por ficar de posse dela, pois Willard era o continuador do nome. Bem, que ficassem com ela. Era Natal, e Irma não lhes invejava a medalha, desde que tivessem cuidado com ela e a estimassem.

Irma permaneceu deitada, bem desperta, ouviu um som: cac, toc, cac, toc, cac, toc. Um carro com uma corrente solta, que bulia de encontro ao pára-choques, subia ou descia a Rua Lantenengo, não podia saber ao certo. Depois começou a andar mais depressa e o som mudou para cac, cac, cac, cac-cac-cac-cac. O carro passou junto da sua casa, e diria que se tratava de um descapotável, porque ouvia o bater da capota sobre os lados. Era, provavelmente, o carro de alguma companhia, um *Dodge*. Certamente dera-se um acidente numa das minas e um dos patrões fora chamado a meio da noite, da noite de Natal, para se ocupar do acidente. Horrível. Ainda bem que Lute não trabalhava para a Companhia de Carvão e Ferro. Tinha de se ter um curso universitário, da Penn State ou da Lehigh, o que Lute não possuía, para se conseguir um emprego decente de qualquer espécie na Companhia de Carvão e Ferro. Quando se conseguia um lugar, era preciso esperar que alguém morresse para se alcançar uma promoção conveniente. E era-se chamado a todas as horas do dia e da noite, como acontece com os médicos, quando as bombas não trabalhavam ou sucedia qualquer outra coisa. E mesmo o trabalho comum no corpo de engenharia fazia-os voltar para casa sujos, como se parecessem vulgares mineiros de botas curtas de borracha, boné e marmita. Era obrigatório um curso

universitário, e tinham de se despir na arrecadação ao chegarem a casa. Lute tivera razão ao imaginar que, se vendesse dois *Cadillacs* por mês, podia ganhar para as despesas, e o que viesse depois era para gastar; assim parece-se um ser humano decente e não se está exposto aos riscos de morrer esmagado por uma rocha que caia ou numa explosão de gás. Nas minas não devia haver homens casados, sempre dissera Lute; pelo menos os que tivessem a mínima afeição à mulher e aos filhos.

E Lute era realmente um homem devotado à família. Irma mexeu-se na cama, até encostar as costas às de Lute. Tinha a mão atrás dela e apertava suavemente o antebraço de Lute. No próximo ano, segundo Hoover, as coisas melhorariam, e poderiam fazer grande número de coisas que haviam planeado, mas adiaram depois devido à depressão. Irma ouviu o ruído de outra corrente solta, rápido, primeiro, e em seguida lento, extinguindo-se por fim. O carro partia de novo, porém com pouca velocidade. Irma reconheceu-o: era o *Buick* do Dr. Newton. Do Newton, dentista, e da mulher, a Lillian, cuja casa ficava duas portas abaixo. Deviam estar de volta do baile do clube. Ted Newton achava-se provavelmente um pouco embriagado e Lillian, com certeza, farta de o aturar; ela devia regressar a casa cedo, visto estar grávida de três meses, ou pouco mais. Irma perguntou-se que horas seriam. Estendeu o braço para o relógio de Lute. Apenas 3.20. «Deus, pensava que fosse muito mais tarde.»

Três e vinte. O baile do clube devia estar no melhor, imaginou Irma, animado pelos rapazes que haviam regressado a casa, de férias do colégio e da universidade, e pelos recém-casados, a maioria dos quais conhecia pelos nomes próprios, e depois pelos mais velhos. No próximo ano, ela e Lute iriam a esses bailes e divertir-se-iam. Podiam ter ido ao desta noite, mas concordara com Lute em que, mesmo que se conhecessem as pessoas pelos nomes próprios, não se devia frequentar o clube sem se ser sócio. De cada vez que lá se fosse, e não importava ter-se sido convidado, ou não, era-se obrigado a pagar um dólar. Mesmo assim, não se devia ir, em quaisquer circunstâncias, mais do que duas vezes por trimestre. Era essa a regra. No próximo ano, ela e Lute tornar-se-iam sócios, o que seria bom, pois Lute poderia adquirir melhores conhecimentos e vender mais *Cadillacs* a membros do clube. Mas como Lute dizia: «Faremos parte dele quando possuímos meios. Não me agrada a ideia de misturar demasiadamente a vida mundana com a profissional. No clube é preciso assinarem-se cheques

adiantadamente, o que poderá ocasionar certas dificuldades. Inscrever-nos-emos quando nos encontrarmos aptos a pagar.» Lute tinha razão. Era seguro e honesto como o dia é longo. Jamais olhava para outra mulher, mesmo a brincar. Eis uma razão por que ela não se importava de esperar até que pudessem, realmente, ser membros do clube. Se tivesse casado com Julian English, por exemplo, não haveria impedimentos desta ordem, mas não trocava a sua vida pela de Caroline English, mesmo que lhe pagassem. Pensou se Julian e Caroline andariam novamente envolvidos noutra das suas grandes brigas.

II

A sala de fumo do Clube Lantenengo estava tão cheia que parecia impossível dar entrada a mais uma pessoa. Porém, entravam e saíam, sabe-se lá como. A sala de fumo tornara-se mista; a princípio, quando o clube fora construído, em 1920, era apenas reservada aos homens, mas, no decurso de muitos banquetes de casamento, as mulheres tinham quebrado o preceito que se opunha ao seu ingresso; como esses banquetes eram particulares, o regulamento podia então ser violado. Por isso, as senhoras associadas impuseram a sua entrada na sala de fumo e encontravam-se nela, agora, tantos membros do sexo feminino como do masculino. Pouco passava das 3 horas, mas a festa continuara sem interrupção, e certamente ninguém se preocupava com a hora a que acabaria. Quem quisesse que acabasse, podia ir para casa. Não se daria pela sua falta. Os que ficavam constituíam o grupo dos primeiros a chegar. Qualquer sócio do clube podia vir ao baile, mas nem todos eram realmente bem recebidos na sala de fumo. O grupo da sala de fumo começava, em geral, com um pequeno número, sempre as mesmas caras. Os Whit Hofmans, os Julian Englishes, os Froggy Ogdens, etc. Eram os mais gastadores e os mais boémios, gente socialmente sólida. Podiam descontrolar-se sem necessidade de dar contas a ninguém, excepto às suas famílias. Este grupo era formado por cerca de vinte pessoas, e a reputação de que se gozava entre o núcleo jovem de Gibbsville podia ser julgada pela segurança com que cada um se juntava ao grupo de gente da sala de fumo. Pelas 3 horas, todos os que tinham desejado haviam estado na sala de fumo; abriam-se as barreiras fictícias cerca da 1.30, o que coincidia com o momento em que os Hofmans e os Englishes, etc., se achavam já bastante